



Uema
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO MARANHÃO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO CAMPUS CAXIAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
CURSO DE GEOGRAFIA PLENA EM LICENCIATURA

ANDRESSA DA SILVA COSTA

**OS DESAFIOS DAS MULHERES QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU NO
POVOADO SANTA MARIA, MUNICÍPIO DE SÃO JOÃO DO SOTÉR, MARANHÃO**

CAXIAS - MA
2025

ANDRESSA DA SILVA COSTA

**OS DESAFIOS DAS MULHERES QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU NO
POVOADO SANTA MARIA, MUNICÍPIO DE SÃO JOÃO DO SOTÉR, MARANHÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Estadual do Maranhão Campus
Caxias, como requisito parcial para obtenção do
Título de Licenciatura Plena em Geografia.

Orientador: Prof. Me. Francisco Wellington de
Araújo Sousa

CAXIAS – MA
2025

C837d Costa, Andressa da Silva

Os desafios das mulheres quebradeiras de coco babaçu no povoado Santa Maria, município de São João do Sóter, Maranhão / Andressa da Silva Costa. _Caxias: Campus Caxias, 2025.

54f.

Graduação (Graduação) – Universidade Estadual do Maranhão – Campus Caxias, Curso de Licenciatura em Geografia.

Orientador: Prof. Me. Francisco Wellington de Araújo Sousa.

CDU 316.35


ANDRESSA DA SILVA COSTA

**OS DESAFIOS DAS MULHERES QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU NO
POVOADO SANTA MARIA, MUNICÍPIO DE SÃO JOÃO DO SOTÉR, MARANHÃO**


Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Estadual do Maranhão Campus
Caxias, como requisito parcial para obtenção do
Título de Licenciatura Plena em Geografia.

Aprovado em: 08/01/2026


BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **FRANCISCO WELLINGTON DE ARAUJO SOUSA**
Data: 26/01/2026 12:30:07-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Me Francisco Wellington de Araujo Sousa
Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)

Documento assinado digitalmente
 **JORGE MARTINS FILHO**
Data: 27/01/2026 09:35:00-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Jorge Martins Filho
Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)

Documento assinado digitalmente
 **ANTONIA DA CRUZ ROSA ARAUJO**
Data: 26/01/2026 16:11:03-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Ma. Antônia da Cruz Rosa Araújo
Universidade Federal do Piauí (UFPI)

Dedico este trabalho, primeiramente, a Deus por me conceder força, sabedoria e perseverança ao longo dessa caminhada. Dedico também a minha família, que sempre esteve ao meu lado, oferecendo apoio, incentivo e compreensão. De forma especial dedico esse trabalho a minhas Avós por toda garra e luta, e às mulheres quebradeiras de coco babaçu, cuja luta, resistência e saberes tradicionais inspiraram essa pesquisa e reforçaram a importância de valorizar suas histórias e seu território.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por me conceder força, sabedoria e perseverança ao longo de toda a trajetória acadêmica, especialmente nos momentos de dificuldades enfrentados durante a realização deste trabalho.

À minha família pelo apoio incondicional, incentivo constante e compreensão. Agradeço de forma especial à minha mãe e ao meu pai, que sempre acreditaram em mim e foram fundamentais para a construção dos valores que me trouxeram até aqui. Às minhas avós, pelo carinho, pelos ensinamentos e pela força transmitida ao longo da vida. Aos meus tios, tias, primos e primas, agradeço pelo apoio, pelas palavras de incentivo e pela presença constante em minha caminhada.

Ao meu namorado, agradeço por sua paciência, companheirismo e apoio emocional durante todo o processo de elaboração deste trabalho, sendo um importante alicerce nos momentos mais desafiadores.

Aos meus amigos e amigas do curso de Geografia Licenciatura, agradeço pela parceria, pelas trocas de conhecimento, pelo apoio mútuo e pela contribuição direta para minha formação acadêmica.

Aos professores do curso, agradeço pelos ensinamentos, orientações e contribuições que foram essenciais para o meu crescimento acadêmico e profissional. Agradeço em especial ao meu orientador Me. Francisco Welligton de Araújo Sousa, pela dedicação, pela paciência e orientações e pelo acompanhamento ao longo da construção deste trabalho.

Agradeço, de maneira especial, às mulheres quebradeiras de coco babaçu do povoado Santa Maria, no município de São João do Sóter (MA), que gentilmente compartilharam suas histórias, experiências e saberes, possibilitando a realização desta pesquisa e reforçando a importância de valorizar suas lutas, seus territórios e seus modos de vida.

Por fim, agradeço a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a concretização deste trabalho meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo compreender os desafios enfrentados pelas mulheres quebradeiras de coco babaçu no povoado Santa Maria, município de São João do Sóter, Maranhão, considerando as transformações sociais, econômicas e territoriais que impactam essa atividade tradicional. A pesquisa possui abordagem qualitativa, fundamentada em revisão bibliográfica e pesquisa de campo, com aplicação de questionários e entrevistas semiestruturadas realizadas com quebradeiras de coco, moradores da comunidade e o representante do povoado. Os resultados evidenciam que o babaçu historicamente desempenhou papel central na organização econômica e social das famílias, especialmente na geração de renda e no protagonismo feminino. Contudo, nas últimas décadas, fatores como a expansão do agronegócio, a redução dos babaçuais, o cercamento das terras e as mudanças socioeconômicas contribuíram para a diminuição da prática extrativista, alterando o papel das mulheres no sustento familiar. Observou-se também uma crescente dependência de programas sociais e aposentadorias, bem como a permanência da sobrecarga feminina no trabalho doméstico. Apesar das dificuldades, as quebradeiras de coco continuam sendo símbolos de resistência, preservação de saberes tradicionais e luta pelo direito ao território. O estudo reforça a importância de políticas públicas voltadas à valorização do extrativismo sustentável e ao fortalecimento da autonomia das mulheres rurais.

Palavras-Chaves: Quebradeiras de coco babaçu; Território; Extrativismo; Maranhão.

ABSTRACT

This study aims to understand the challenges faced by women babaçu coconut breakers in the village of Santa Maria, in the municipality of São João do Sóter, Maranhão, considering the social, economic, and territorial transformations that affect this traditional activity. The research adopts a qualitative approach, based on bibliographic review and fieldwork, including the application of questionnaires and semi-structured interviews with coconut breakers, community residents, and the village representative. The results indicate that babaçu has historically played a central role in the economic and social organization of families, particularly in income generation and women's protagonism. However, in recent decades, factors such as the expansion of agribusiness, the reduction of babaçu groves, land enclosure, and socioeconomic changes have contributed to the decline of extractivist practices, altering women's role in family subsistence. An increasing dependence on social welfare programs and pensions was also observed, along with the persistence of women's overload in domestic work. Despite these challenges, babaçu coconut breakers remain symbols of resistance, preservation of traditional knowledge, and struggle for territorial rights. The study highlights the importance of public policies aimed at valuing sustainable extractivism and strengthening the autonomy of rural women.

Keywords: Women babaçu coconut breakers; Territory; Extractivism; Maranhão.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1 - Mapa de localização do município de São João do Sóter, Maranhão, situando o Povoado Santa Maria	26
Figura 2 - Mapa de Tipos de solo do município de São João do Sóter, Maranhão	30
Figura 3 - Mapa de cobertura vegetal do município de São João do Sóter, Maranhão	31
Figura 4 - Babaçuais com vegetação rasteira em São João do Sóter	32
Figura 5 - Unidades litoestratigráficas do município de São João do Sóter	32
Figura 6 - Coberturas Detrito laterítica povoado Santa Maria, em São João do Sóter	33
Figura 7 - Mapa de classes de altitude do município de São João do Sóter, Maranhão	33
Figura 8 - Relevo plano e suave ondulado próximo ao povoado Santa Maria, em São João do Sóter	34
Figura 9 - Mapa de declividade do município de São João do Sóter, Maranhão	34
Figura 10 - Fotografias em mosaico que detalham área do território do Povoado Santa Maria onde antes havia maior concentração de babaçuais	35
Figura 11 - Imagens em mosaico que detalham a dinâmica temporal da paisagem do povoado Santa Maria, em São João do Sóter em 2004 e 2024	36
Figura 12 - Quebradeira de coco babaçu em atividade tradicional de quebra no povoado Santa Maria	41
Figura 13 - Antigo casarão utilizado como ponto de compra e venda do coco babaçu no povoado Santa Maria	42

GRÁFICOS

Gráfico 1 - Quantidade produzida de amêndoa de babaçu em São João do Sotér (2004-2024)	39
Gráfico 2 - Valor de produção da amêndoa de babaçu em São João do Sotér (2004-2024) ...	39

QUADROS

Quadro 1 - Comparativo das condições de trabalho das mulheres antes e depois das transformações do povoado.	37
---	----

Quadro 2 - Comparativo das atividades das mulheres antes e depois das mudanças no povoado	
Santa Maria	40

ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MA - Maranhão

MIQCB - Movimento interestadual das quebradeiras de coco babaçu

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	O CONCEITO DE TERRITÓRIO NA GEOGRAFIA: O TERRITÓRIO, ESPAÇO DE RELAÇÃO DE PODER	14
2.1	A territorialidade das quebradeiras de coco, vivência, identidade e resistência ...	16
3	O TRABALHO DAS QUEBRADEIRAS E O EXTRATIVISMO DO COCO BABAÇU	18
3.1	O trabalho familiar e divisão de tarefas: o protagonismo das mulheres	19
3.2	O produto babaçu: uso tradicional e possibilidade de renda	20
4	METODOLOGIA	23
5	ANÁLISE E RESULTADOS	25
5.1	Localização e Caracterização do povoado Santa Maria	25
5.2	A presença das quebradeiras no Maranhão: Contexto histórico e geográfico	28
5.3	Transformações no território e acesso aos babaçuais	29
5.4	Mudanças no modo de trabalho e no papel das mulheres	38
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
	REFERÊNCIAS	46
	APÊNDICES	48

1 INTRODUÇÃO

As quebradeiras de coco babaçu (*Attalea speciosa*) representam um importante grupo social das regiões Norte e Nordeste do Brasil, cuja trajetória é marcada por trabalho intenso, resistência e luta por reconhecimento e direitos. A relação dessas mulheres com os babaçuais ultrapassa a dimensão econômica, constituindo-se como elemento central de identidade, cultura e pertencimento territorial. Por meio do extrativismo, as quebradeiras constroem modos de vida baseados em saberes tradicionais transmitidos de geração em geração.

No estado do Maranhão - MA, a atividade extrativista do babaçu consolidou-se historicamente como uma das principais fontes de subsistência de populações rurais, ganhando maior visibilidade a partir das décadas de 1970 e 1980. Esse processo ocorreu em meio a profundas transformações no espaço rural, marcadas pelo avanço do agronegócio, pela concentração fundiária e pela intensificação dos conflitos pelo acesso aos babaçuais, elementos que impactam diretamente o trabalho e a renda das mulheres quebradeiras de coco.

De acordo com Barroso (2021), a coleta do babaçu passou, em determinados períodos, a assumir características de trabalho assalariado, especialmente vinculada às usinas instaladas no Maranhão. Contudo, foi a partir da década de 1980 que se intensificaram as formas de organização coletiva das quebradeiras de coco, como associações e cooperativas, fundamentais para a luta por direitos, pelo acesso aos babaçuais e pelo reconhecimento social da atividade.

Entre os biomas da Caatinga e do Cerrado, nos estados do Maranhão, Piauí, Tocantins e Pará, vivem milhares de mulheres que dependem direta ou indiretamente do extrativismo do babaçu. Estima-se que mais de 300 mil mulheres exerçam essa atividade, considerada uma das mais importantes do ponto de vista social, econômico e ambiental (Bartaburu, 2018; Actionaid, 2015). O ofício da quebra do coco babaçu possui caráter secular e está associado a práticas tradicionais de uso coletivo do território, fundamentais para a reprodução social das famílias camponesas (Almeida, 2004).

Apesar de sua relevância, as quebradeiras de coco enfrentam inúmeros desafios, como o cercamento de áreas tradicionalmente utilizadas, a violência de gênero, a desigualdade no acesso à terra e a ausência de políticas públicas específicas voltadas ao extrativismo. Conforme Barbosa (2014), há registros de agressões físicas e intimidações sofridas por mulheres ao exercerem a atividade em propriedades privadas, evidenciando a persistência dos conflitos territoriais e das desigualdades sociais no campo.

Diante desse contexto, este estudo parte do seguinte problema de pesquisa: quais são os principais desafios enfrentados pelas mulheres quebradeiras de coco babaçu no povoado Santa Maria, município de São João do Sóter (MA), diante das transformações no uso do território e nas relações de trabalho?

A presente pesquisa justifica-se pela relevância de compreender os desafios estruturais enfrentados pelas mulheres quebradeiras de coco babaçu no povoado Santa Maria, em São João do Sotér, Maranhão, um grupo social cuja trajetória é marcada por intensa luta, resistência e preservação de saberes tradicionais. O extrativismo do babaçu é crucial para a identidade cultural e reprodução social dessas mulheres, conferindo-lhes um papel central no sustento econômico das famílias rurais.

Além de dialogar com a literatura consolidada sobre as quebradeiras de coco babaçu, esta pesquisa se diferencia por seu recorte microterritorial, centrado no povoado de Santa Maria, no município de São João do Sotér, Maranhão. Ao analisar o período recente de 2000 a 2025, o estudo evidencia transformações territoriais contemporâneas que ainda aparecem de forma um pouco profunda nos estudos com a redução dos babaçuais, a mudança no papel econômico das mulheres e a crescente dependência de políticas sociais. Desta forma, o caso de Santa Maria não apenas afirma elementos já discutidos por autores como Almeida (2004) e Porro (2010), mas também amplia o debate ao revelar novas dinâmicas socioeconômicas e territoriais vivenciadas pelas quebradeiras de coco.

A pesquisa tem como objetivo geral compreender esses desafios, buscando analisar as condições socioeconômicas e territoriais que influenciam a atividade extrativista no referido povoado. Como objetivos específicos definiu-se: investigar a atuação das mulheres no contexto da atividade do babaçu no Maranhão; analisar o crescimento do agronegócio em áreas com predomínio de palmeiras e o processo de desmatamento dos babaçuais, bem como suas consequências socioambientais; e mencionar as conquistas alcançadas pelas mulheres quebradeiras de coco no Maranhão no período de 2000 a 2025.

Para alcançar esses objetivos, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa, fundamentada em revisão bibliográfica e trabalho de campo, com a realização de entrevistas junto às quebradeiras de coco e moradores do povoado Santa Maria, no município de São João do Sóter. O trabalho está estruturado em capítulos que abordam o referencial teórico sobre território e extrativismo, a metodologia, a análise dos resultados e, por fim, as considerações finais.

2 O CONCEITO DE TERRITÓRIO NA GEOGRAFIA: O TERRITÓRIO, ESPAÇO DE RELAÇÃO DE PODER

O território é um dos principais conceitos centrais e objetos de estudo na ciência geográfica, pois ele se relaciona na compreensão das relações de poder e dinâmicas sociais produzidas pelo espaço. A geografia, ao longo do tempo, passou a entender o território não apenas como uma área delimitada, mas como o resultado das ações do ser humano e sua relação social com o espaço. Conforme Vasconcelos (2007, p. 233), o território “é uma categoria relacional que envolve dimensões políticas, econômicas e culturais, sendo continuamente produzido pelas práticas sociais”.

No contexto deste trabalho, o foco de estudo é o espaço rural vivido pelas quebradeiras de coco babaçu, cujas práticas extrativistas e seu modo de vida expressam a sua relação intimista entre o trabalho, a natureza e suas resistências. Esse território se dá a partir da interação com o meio natural e a sua dinâmica social, assim construindo historicamente através das lutas dessas mulheres pela permanência na terra e pelo valor de sua ancestralidade através dos seus saberes e ensinamentos.

O conceito de território está nos centros de discussões da geografia contemporânea, pois envolve as relações de poder, espaço e identidade, elementos fundamentais para compreender a dinâmica e organização dos grupos sociais no espaço vivido (Vasconcelos, 2007, p. 231-232).

O território vai além de uma mera delimitação espacial; representa uma construção social entrelaçada com dinâmicas de poder, identidade e apropriação. Sendo definido como um espaço que é simultaneamente marcado e compreendido pela lente dessas relações de poder, o território envolve a interação de dominação e autonomia entre as comunidades que nele residem.

Segundo Souza (1995, p. 78), “o território, objeto deste ensaio, é fundamentalmente um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder”, o que indica que ele não é neutro, mas resultado de disputas e interesses. Essa concepção se aproxima da leitura de Raffestin (1993, p. 143), “o território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator”, revelando assim que todo território é socialmente produzido e politicamente construído.

A partir dessa perspectiva Fuini (2015, p. 254), ao dialogar com Santos (1993), abordando sua visão sobre território, ressalta que “o território não é apenas fundamento do

estado-nação, mas, como território usado, designa o conjunto de objetos e ações, sinônimo de espaço humano e habitado, além de acolher novos recortes, isto é, o espaço moldado pelas práticas sociais, pelos objetivos e pelas ações que nele se realizam. Dessa forma, o território não se limita a uma área física delimitada, mas expressa relações de poder construídas historicamente pelos diferentes grupos. Neste sentido, o território pode ser compreendido como resultado das interações entre os sujeitos, praticadas cotidianamente o que permite analisar como o espaço vivido é disputado. Para o presente estudo essa abordagem é fundamental pois possibilita entender como as quebradeiras de coco babaçu constroem e defendem seus territórios a partir do trabalho, da cultura e das relações de pertencimento.

O território é definido como um espaço de relações de poder, visto que, para ser conquistado, a existência da disputa pelo território definido ou indefinido. Cada território é resultado dessas múltiplas interações entre sujeitos e instituições que fazem com que se torne fundamental para compreender esses processos a organização do espaço e a apropriação dele, sendo o território não apenas um espaço físico na superfície terrestre delimitado por fronteiras, mas um espaço produzido pela sociedade resultado de suas práticas sobre o meio.

“O território é compreendido como ‘território usado’, ou seja, o espaço transformado pelas relações entre sistemas de objetos e sistemas de ações. Essas concepções desloca a ideia de território como domínio político ou estatal e o redefine como um espaço vivido, onde as relações sociais e econômicas se materializam cotidianamente” (Santos, 1996, p. 18).

Na geografia, o território pode ser compreendido também como um território nacional, associado ao Estado a sua gestão, administração do espaço sendo onde ele exerce a soberania e assim refletindo sua relação de poder sobre o povo. Considerado com um gerador da identidade social e cultural à medida que as características do espaço moldam a sua identidade e seus habitantes criando assim uma conexão de pertencimento e memória coletiva de um povo com seu território.

Segundo Souza (1995, p. 81-84), o território pode ser entendido também à escala nacional e em associação com o Estado como grande gestor. Além disso, o autor destaca que na tradicional Geografia Política, o termo é compreendido como o espaço concreto em si, com seus atributos naturais e socialmente construídos, apropriado e ocupado por um grupo social.

Assim, entender o território como um espaço de relações e de poder tem significados fundamentais para que possamos analisar a realidade das mulheres quebradeiras de coco babaçu. O território, assim, ultrapassa a dimensão física manifestando-se como uma construção social e simbólica na qual se concretiza práticas, conexões, memórias e conflitos. É neste espaço

vivido que se constrói as identidades que circulam as suas resistências e que desenvolvem as estratégias da permanência no campo. Portanto, o conceito de território não está apenas fundamentado na reflexão teórica sobre o espaço geográfico, mas, também está direcionado à compreensão da territorialidade que caracteriza o modo de vida e luta das quebradeiras de coco.

2.1 A territorialidade das quebradeiras de coco, vivência, identidade e resistência

A presença das quebradeiras de coco babaçu do Maranhão, marcada por um processo histórico de luta e permanência no campo, desdobra-se na construção de uma territorialidade própria, sustentada pelas relações de pertencimento, solidariedade e de resistência que essas mulheres estabelecem com seu espaço.

A territorialidade das quebradeiras de coco não se resume apenas à terra ou ao local onde vivem e trabalham. Seu espaço ultrapassa a dimensão material do território geográfico, pois está carregado de memórias, pertencimento, cultura e trabalho. As quebradeiras carregam consigo práticas de conhecimento repassado, vivências dialogadas e histórias que marcam uma vida inteira de luta e perseverança. Para essas mulheres, o território é mais que o espaço físico, é o espaço vivido, carregado de simbolismo e afeto. Não apenas ocupam um território, mas vivenciam por um todo que reflete na sua identidade e cultura.

Conforme Haesbaert (2004. p. 95), “a territorialidade é sempre vivida e construída nas múltiplas dimensões da existência humana, expressando os vínculos identitários e simbólicos que os sujeitos estabelecem com o espaço”. Essa concepção permite compreender que a territorialidade não se restringe ao domínio físico da terra, mas envolve sentimentos de pertencimento, memória, cultura e identidade. No caso das quebradeiras de coco babaçu, essa territorialidade se expressa na relação cotidiana com os babaçuais, nos saberes transmitidos entre gerações e na forma como o trabalho extrativista estrutura sua vida social. Assim, o território deixa de ser apenas um espaço geográfico e passa a ser um espaço vivido, no qual se articula trabalho, cultura e resistência.

Territorialidade e o território ambos devem ser compreendidos como processos integradores, que envolvem tanto o domínio político e econômico quanto a apropriação simbólica e cultural do espaço pelos grupos humanos. Desta forma, a territorialidade das quebradeiras de coco babaçu expressa as múltiplas dimensões da vida social revelando vínculos identitários afetivos que fortalecem o sentimento de pertencimento e resistência.

As quebradeiras carregam consigo práticas de conhecimentos tradicionais, vivências dialogadas e histórias que marcam uma vida inteira de muita luta e perseverança. Elas não

apenas ocupam um território, mas vivenciam-no em sua totalidade de modo que reflete na sua identidade coletiva. Há entre elas uma relação de intimidade com a palmeira do babaçu (*Attalea speciosa*), suas fontes de subsistência e símbolo de uma identidade coletiva.

O território das quebradeiras de coco babaçu representa muito mais que um espaço de trabalho, ele é um território de vida, identidade e resistência. A palmeira tratada como “mãe” assegura não apenas a subsistência, mas também a continuidade cultural e espiritual das comunidades extrativistas (Barroso; Freitas; Figueiredo, 2021, p. 121-122).

A prática da quebra do coco é repassada de geração em geração, interligada ao modo de vida das famílias rurais. O saber das quebradeiras é construído na prática de ensinar e aprender essa troca de conhecimento por meio da oralidade e observação. O uso do instrumento de trabalho, o machado e o toco, para a quebra e extração da amêndoa do coco, que faz a produção do azeite e outros ensinamentos de aproveitamento de partes do babaçu (a casca, palha, mesocarpo), esses são alguns conhecimentos repassados de mãe para filha, de avó para netas, faz com que esse conhecimento esteja ligado a territorialidade das quebradeiras, a prática com a natureza e a preservação da sua cultura (Noletto, 2012).

Nesse sentido, Pinto (2018, p. 336) destaca que “A humanidade sempre viveu e continuará vivendo um permanente processo de ensinar e aprender. Essa realidade humana se confirma, tendo em vista que o ensinar é um exercício compartilhado no cotidiano dos sujeitos sociais.”

O trabalho das quebradeiras de coco babaçu é uma atividade tradicional nas áreas de transição entre o Cerrado, a Amazônia e o meio-norte brasileiro, especialmente nos estados do Maranhão, Piauí, Tocantins e Pará, onde se concentram extensos babaçuais nativos. Segundo Bartaburu (2018), esse fruto é a principal fonte de renda das famílias de menor poder aquisitivo residentes na zona rural desses estados, de onde extraem diversos subprodutos que geram o sustento de mais de 400 mil famílias durante as entressafras do arroz, milho e outras culturas agrícolas. Além disso, promove geração de renda, autonomia e melhoria das condições de vida das comunidades extrativistas.

Atualmente as quebradeiras são reconhecidas como povo e comunidade tradicional protegidas nacionalmente pelo Decreto 6.040/2007 – a lei que garante a proteção de muitas comunidades e povos tradicionais do Brasil, incluindo quilombolas, seringueiros e comunidades pesqueiras artesanais. E, como outros grupos agroextrativistas tradicionais, as quebradeiras de coco construíram sua identidade social e política em torno de sua atividade econômica.

Diante desse reconhecimento, se destaca o Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB), que surgiu com a organização de quebradeiras de coco na década de 1980, após a intensificação de conflitos para o acesso a áreas de babaçuais, abrange os estados do Maranhão, Pará, Piauí e Tocantins. Este movimento emerge como uma organização que representa os interesses sociais, políticos e econômicos deste grupo, dando a estas mulheres a possibilidade de serem vistas e reconhecidas (Hagino, 2007).

O MIQCB rapidamente se tornou uma voz para essas mulheres numa época em que elas nem sequer tinham o direito de votar em sindicatos ou discutir demandas trabalhistas específicas, garantindo assim suas participações em decisões que afetam seu território e seu modo de vida.

Desta forma a territorialidade dessas mulheres é ao mesmo tempo uma expressão de identidade e um ato político, através da sua resistência frente à exclusão social e a perda do acesso aos babaçuais, visado defender o direito de extrair e viver do coco as quebradeiras reafirma presença no território e mantém viva cultura, o sustento e a autonomia.

3 O TRABALHO DAS QUEBRADEIRAS E O EXTRATIVISMO DO COCO BABAÇU

3.1 O trabalho familiar e divisão de tarefas: o protagonismo das mulheres

O trabalho familiar desenvolvido nas comunidades extrativistas do coco babaçu tem como papel central a organização das famílias e da comunidade onde vivem e articulam as práticas extrativistas, a divisão das tarefas cotidianas juntamente com o protagonismo das mulheres. Nessas famílias rurais, o trabalho das mulheres envolve uma rotina extensa que articula a responsabilidade doméstica, o cuidado com os filhos e o ofício extrativista que é resultado de múltiplas jornadas de trabalho.

Conforme a ActionAid (2015) a atividade extrativista do babaçu é majoritariamente desempenhada por mulheres e articula tarefas produtivas e reprodutivas: coleta, quebra e beneficiamento do coco com as responsabilidades domésticas com jornadas múltiplas que sustentam a reprodução social e matéria das famílias.

As quebradeiras acumulam múltiplas funções no interior da família, são responsáveis desde a coleta de coco até a quebra e o beneficiamento além de preparar os alimentos na gestão da casa, o preparo de subprodutos para venda a partir da extração do coco. Elas estão a frente tanto da organização quanto produção social e econômica das famílias rurais onde visam articular as práticas produtivas repassando saberes tradicionais e a forma coletiva de produção e cooperação (Almeida, 2004; Actionaid, 2015).

As quebradeiras não trabalham isoladamente elas preferem praticar o seu ofício em mutirões com a companhia de outras quebradeiras e crianças, com o intuito de entreter ambos para que o tempo de troca de conversas e saberes seja produtivo. É assim que seus filhos e netos (as) aprendem através da observação e prática. Enquanto os maridos praticam o ofício da “roça”, que seria a plantação de alimentos como milho, arroz, feijão, verduras entre outros.

De acordo com Brito; Barros; Lima (2019, p.12):

O trabalho das quebradeiras é marcado pela cooperação nos mutirões e nas dinâmicas coletivas de ajuda mútua que fortalece o sentimento de pertencimento e torna o trabalho menos pesado, essa forma de produção coletiva integra o cotidiano das famílias e sustenta a identidade do grupo.

Além de assumirem a maior parte das responsabilidades domésticas e extrativistas, as quebradeiras organizam o seu trabalho coletivamente por meio de mutirões e rede cooperativa que formam o processo mais leve fortalecem a multidão comunitária, e através do saber tradicional, a coleta, a quebra e o beneficiamento do babaçu é transmitido por essas mulheres

durante seu ofício, que fazem com que o seu papel seja crucial de transmissão do saber e continuidade dessa prática extrativista. A predominância feminina faz com que a cadeia do babaçu seja reconhecida como uma atividade amplamente feminina que acumula funções, tanto de produção, quanto de fazeres através da sua comunidade e que tem uma predominância na economia através do sustento da família.

Dessa forma, o trabalho familiar desenvolvido pelas quebradeiras de coco babaçu expressa muito mais do que uma simples divisão de tarefas. Ele revela um modo de vida marcado pela cooperação, pela transmissão de conhecimentos e saberes tradicionais e pela centralidade das mulheres na organização da economia e da vida social das famílias rurais. Ao articular as responsabilidades domésticas, o cuidado com a família e a produção extrativista, essas mulheres consolidam uma atuação que ultrapassa o âmbito produtivo, assumindo também uma dimensão social e política. Assim, o protagonismo das quebradeiras se manifesta tanto na manutenção dos territórios tradicionais quanto na luta pelo acesso aos babaçuais e pelo reconhecimento de seus direitos, configurando uma identidade coletiva de resistência que sustenta a dinâmica socioeconômica das comunidades extrativistas.

3.2 O produto babaçu: uso tradicional e possibilidade de renda

O babaçu é um recurso muito importante para as comunidades que vivem da coleta em alguns estados da região Norte e Nordeste do Brasil, especialmente no Maranhão, Tocantins, Pará e Piauí. Sua presença é bastante ampla e sua versatilidade faz dele um elemento fundamental na vida de muitas famílias rurais. O uso tradicional do babaçu está profundamente enraizado na cultura dessas comunidades, sendo transmitido de geração em geração por meio de práticas artesanais de coleta, manejo e beneficiamento do coco. Esses conhecimentos fazem parte do dia a dia das quebradeiras de babaçu, mulheres que têm um papel fundamental na preservação dessas tradições e na organização social da comunidade. Essas mulheres são reconhecidas como guardiãs de um saber ancestral que conecta cultura, trabalho e cuidado com o meio ambiente.

De acordo com Schwartz (2017, p. 2):

“Estas mulheres são geralmente descendentes de indígenas e mantêm formas de trabalho tradicional, tanto no extrativismo do babaçu como na agricultura de subsistência e no artesanato. É uma marca cultural destas comunidades rurais que o trabalho seja realizado pelas mulheres, que nesta experiência, organizam seu tempo cotidiano, demonstram sua capacidade de luta política e de preservação ambiental.”

O jeito tradicional de trabalhar com o babaçu envolve técnicas manuais de quebra, seleção e uso completo do fruto. Essas práticas e instrumentos tradicionais resistem ao tempo e às mudanças no meio rural, mantendo viva uma forma de fazer que passa de geração em geração. Além de cuidar do extrativismo, essas mulheres também desempenham várias funções em casa e na família, enfrentando uma rotina cheia de tarefas e muitas vezes sobrecarregadas.

Como observa Barros (2010, p. 2):

“Essas mulheres ocupam várias posições sociais, são trabalhadoras rurais extrativistas do babaçu, esposas, mães, com dupla ou até tripla jornada de trabalho. Mulheres que despertam cedo [...] e levam consigo para as áreas de trabalho a comida necessária para a reprodução das energias durante o dia de trabalho na quebra do coco.”

Essas formas tradicionais de trabalho são essenciais, não só para organizar o dia a dia das quebradeiras, mas também para garantir a renda das famílias que vivem do uso sustentável do babaçu. O produto é bastante versátil: seus derivados incluem óleo, mesocarpo, carvão, cosméticos, artesanato e até ração animal. Quando as comunidades se organizam para beneficiar o fruto coletivamente e trabalham de forma cooperativa, conseguem aumentar o valor agregado dos produtos e fortalecer a autonomia econômica das mulheres. Em várias regiões, iniciativas coletivas e políticas locais têm ajudado a melhorar significativamente a renda familiar e a tornar a inserção no mercado mais estável (Formiga *et al.*, 2019).

A renda gerada pela exploração do babaçu depende bastante das condições socioeconômicas e territoriais de cada região. Em vários municípios do Maranhão, o acesso às áreas de babaçu é dificultado por proprietários rurais que cercam essas áreas, mesmo aquelas usadas tradicionalmente pela comunidade. Essa situação torna mais difícil a coleta do babaçu e ameaça a continuidade das formas tradicionais de produção. Além disso, as desigualdades na posse da terra e a falta de políticas específicas para o extrativismo limitam as oportunidades econômicas das quebradeiras, deixando muitas famílias mais vulneráveis (Nogueira, 2017).

Como destaca Mesquita (2008, p. 58):

“A pobreza endêmica do Maranhão [...] é, de um lado, um produto da riqueza de uma minoria [...] e da ausência de políticas públicas voltadas para a produção familiar e para o extrativismo, ou mesmo, de políticas econômicas neoliberais contrárias aos interesses desses segmentos de pequenos produtores.”

Nesse contexto, a desigualdade no acesso ao território e a privatização das áreas de babaçu têm impactos diretos na renda e na sobrevivência das quebradeiras. Como analisa Shiraishi Neto (2006, p. 87-88):

“A palmeira do babaçu sempre foi parte integrante do modo de vida das comunidades rurais, constituindo-se como recurso essencial para a reprodução econômica e cultural das famílias. A restrição ao acesso às palmeiras, imposta pela expansão do agronegócio e pela privatização do território, representa uma violação histórica dos direitos dessas populações. As quebradeiras, que dependem diretamente do coco para sua subsistência, veem sua renda ameaçada quando lhes é negado o livre uso do babaçu, comprometendo não apenas suas atividades produtivas, mas toda a organização social construída em torno do extrativismo.”

Diante desses desafios, a organização política das quebradeiras tem sido essencial para garantir que elas possam continuar usando o babaçu de forma tradicional e ampliar suas possibilidades de renda. Movimentos como o MIQCB e diversas entidades comunitárias desempenham um papel importante na defesa do acesso livre às áreas de babaçu e na busca por políticas públicas que apoiem a produção extrativista. A Lei do Babaçu Livre é uma conquista importante, pois garante o direito de coleta mesmo em áreas privadas. Isso ajuda a manter vivo o trabalho tradicional das comunidades e abre novas possibilidades de crescimento econômico para elas.

Nos últimos anos, o babaçu também tem sido cada vez mais utilizado em projetos de bioeconomia e inovação sustentável. Isso amplia seu potencial de gerar renda por meio de produtos inovadores e mercados diferenciados. Essa combinação de tradição e inovação mostra que o babaçu não é apenas uma parte da cultura, mas também uma oportunidade estratégica para o desenvolvimento sustentável das comunidades (Brito; Barros; Lima, 2018).

Dessa forma, o babaçu se destaca tanto pelo seu uso tradicional, que preserva práticas ancestrais e a identidade das quebradeiras, quanto pelo seu papel na geração de renda, fortalecendo as economias locais e oferecendo uma alternativa sustentável para as comunidades rurais. Entender essa dupla dimensão é fundamental para perceber o valor da palmeira e das mulheres que cuidam dela, unindo cultura, trabalho e oportunidades concretas de crescimento econômico (Almeida, 2004; Actionaid, 2015).

4 METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza descritiva e exploratória, uma vez que buscar compreender, a partir do ponto de vista dos sujeitos, conforme orienta Minayo (2012). A autora destaca que a pesquisa qualitativa possibilita interpretar significados, práticas e vivências construídas socialmente. A abordagem qualitativa possibilita interpretar a realidade a partir da perspectiva dos sujeitos envolvidos, permitindo identificar significados, sentidos, práticas de trabalho e elementos simbólicos que compõem a experiência dessas mulheres no território em que vivem.

Assim, quanto aos procedimentos, o estudo se estruturou em pesquisa bibliográfica, documental e de campo. Realizou-se inicialmente pesquisa bibliográfica, a qual segundo Gil (2008), permite compreender o estado da arte sobre o tema reunindo contribuições teóricas que sustentam a análise dos fenômenos investigados. O levantamento bibliográfico contemplou autores que discutem território, territorialidade, ruralidade, trabalho familiar e extrativismo, além de textos que abordam diretamente a organização e a trajetória histórica das quebradeiras de coco babaçu.

Também foi relevante a realização da pesquisa documental, que envolveu a leitura de relatórios, leis e materiais produzidos por organizações sociais que atuam junto às quebradeiras, contribuindo para contextualizar o cenário social, econômico e ambiental em que essas mulheres estão inseridas.

O trabalho de campo foi conduzido no Povoado Santa Maria, com observação direta a rotina das quebradeiras de coco, possibilitando compreender o cotidiano das quebradeiras, suas práticas extrativistas, sua relação com o território e os desafios enfrentados na atividade do babaçu e como estão atualmente. Conforme Bogdan e Biklen (1994), o trabalho de campo possibilita o contato direto com o ambiente natural, permitindo compreender as interações e práticas em seu contexto real. O campo incluiu observação direta do ambiente, das rotinas de trabalho e das formas de organização comunitária. As observações foram registradas em diário de campo, respeitando a espontaneidade das interações e a dinâmica local.

A coleta de dados contou com a aplicação de entrevistas semiestruturadas compreendidas, segundo Triviños (1987), como um instrumento flexível que permite ao pesquisador explorar temas centrais, ao mesmo tempo em que abre espaço para que as entrevistadas expressem suas narrativas e percepções. Foram elaboradas com base nos objetivos da pesquisa e no referencial teórico previamente estudado. Tendo como base, 30 pessoas

entrevistadas, entre quebradeiras de coco e moradores do povoado, incluindo familiares que convivem diretamente com a atividade extrativista. As entrevistas semiestruturadas permitiram dialogar de forma aberta com as participantes, possibilitando que relatassem suas experiências, percepções e dificuldades, ao mesmo tempo em que se mantinha um roteiro mínimo capaz de garantir a comparabilidade entre as respostas.

Os instrumentos utilizados na pesquisa foram dois roteiros de entrevista: um voltado exclusivamente para as mulheres quebradeiras de coco, contemplando questões sobre trabalho, identidade, organização comunitária e relação com o território; e outro destinado aos moradores e familiares, com perguntas voltadas para a percepção da comunidade sobre o trabalho das quebradeiras e sua importância na dinâmica socioeconômica local. As entrevistas foram realizadas presencialmente, individualmente, e tiveram sua participação condicionada ao consentimento livre das entrevistadas e dos entrevistados. Em todas as etapas, foram respeitados os princípios éticos da pesquisa, a identidade das participantes foi preservada, sendo utilizadas apenas informações voluntariamente compartilhadas e registradas com autorização. As entrevistadas foram informadas sobre os objetivos do estudo, o uso dos dados e a possibilidade de recusa sem qualquer prejuízo.

Para a análise das informações coletadas, adotou-se a análise temática proposta por Bardin (2016), que permite identificar categorias de sentido recorrentes nas falas das entrevistadas e relacioná-las aos objetivos da pesquisa. Assim, a metodologia adotada permitiu integrar análise teórica e observação empírica, oferecendo uma compreensão ampla do modo de vida das quebradeiras de coco babaçu do povoado Santa Maria e da importância de seu trabalho para a manutenção da organização familiar, da cultura local e da resistência territorial.

5 ANÁLISE E RESULTADOS

Esse capítulo apresenta uma análise dos dados obtidos por meio da pesquisa de campo realizada no povoado Santa Maria, com participação das mulheres quebradeiras de coco babaçu e moradores da comunidade. Os resultados estão organizados em temáticas construídas através das entrevistas semiestruturadas, resultados das visitas feitas ao território conforme a abordagem qualitativa de Minayo (2012). As falas dos participantes revelam aspectos centrais do extrativismo do babaçu, como a transmissão do ofício e seus ensinamentos repassados, a rotina das quebradeiras, os desafios enfrentados, a importância econômica e simbólica do babaçu e as transformações e modificações percebidas na comunidade e em seu território.

Além de entrevistas foram registradas imagens do povoado e do ambiente de trabalho, as quais enriquecem ainda mais a compreensão do território e a contextualizar a realidade vividas pelas quebradeiras. As fotografias foram inseridas ao longo do capítulo para ilustrar o modo de vida, as condições ambientais e a organização da comunidade.

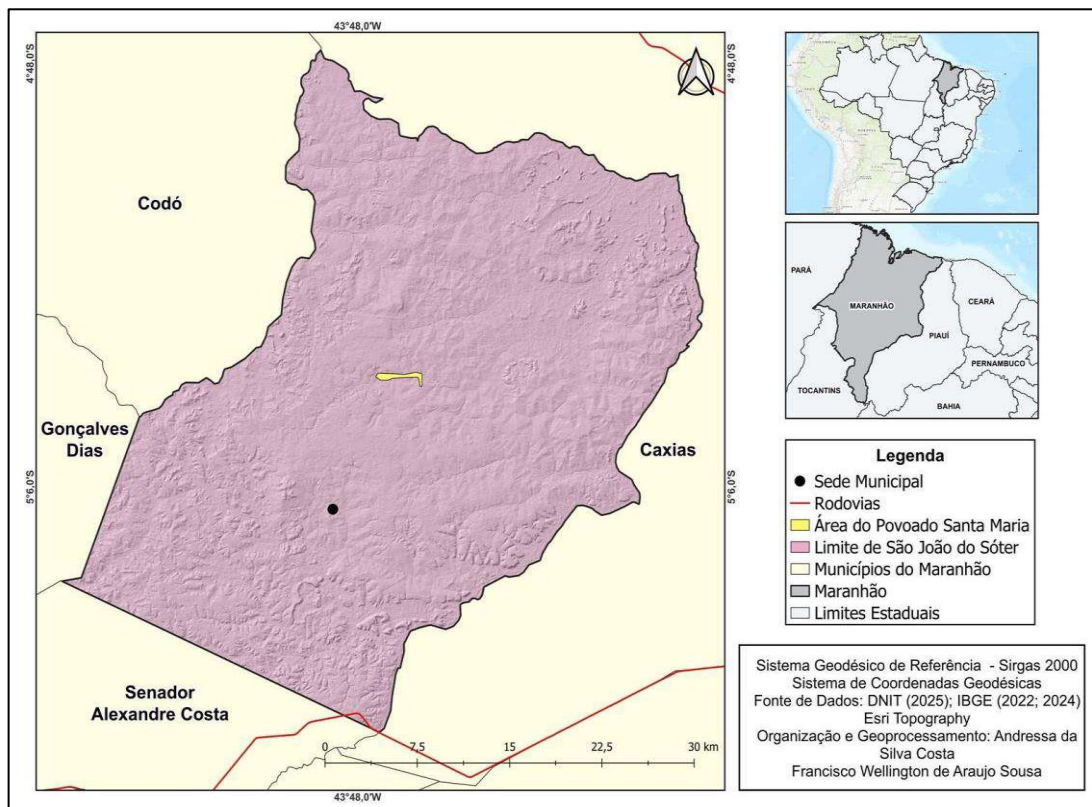
5.1 Localização e Caracterização do povoado Santa Maria

O povoado Santa Maria está localizado no município de São João do Sótér (Figura 1), este que se situa na Microrregião de Caxias, estando distante há aproximadamente 420 km de São Luís, capital do Maranhão. São João do Sótér possui uma população total conforme dados do último Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatístico - IBGE de 16.889 habitantes, ocupando uma área total 1.438,06 km² (IBGE, 2022). A população residente no município é predominantemente rural, sendo 53,30% população rural e 43,70% população urbana. No ano de 2025, a população estimada era de 17.253 habitantes (IBGE, 2022).

Situado no Meio Norte Nordeste, São João do Sótér possui como ponto central as coordenadas de 5°6'51.82" de latitude Sul e 43°48'37.01" de longitude Oeste. Possui como limites os municípios de Caxias ao norte e oeste; ao sul, Senador Alexandre Costa; e a leste, Gonçalves Dias e Codó (IBGE, 2022).

O povoado Santa Maria apresenta aproximadamente 186 famílias distribuídas ao longo de um território contínuo formado historicamente por núcleos familiares antigos, que cresceram e as consolidaram a partir do trabalho na roça e do extrativismo do babaçu. A compreensão espacial e ambiental do território é fundamental para entender as mudanças ocorridas ao longo do tempo, especialmente com relação à atividade das quebradeiras de coco.

Figura 1 - Mapa de localização do município de São João do Sóter, Maranhão, situando o Povoado Santa Maria



Organização: Costa e Sousa (2025). Base de Dados: DNIT (2025); IBGE (2022)

A figura 1 permite visualizar a posição geográfica do povoado Santa Maria e sua relação com os limites municipais. A localização evidencia a zona rural do povoado, sua distância dos centros urbanos o que historicamente influenciou as práticas produtivas baseadas na coleta do coco babaçu e na agricultura. O território de forma isolada demonstra a sua organização comunitária e a importância das associações locais, elementos confirmados no depoimento do representante do povoado.

A formação do povoado está associada ao uso do território, às relações de vizinhança e às práticas de trabalho. A expansão das fazendas e o desmatamento dos babaçuais em torno do povoado, ao longo do tempo alteraram o modo de vida e restringiram áreas antes utilizadas coletivamente pelas famílias.

O relato do representante reforça esse processo histórico:

“Quando eu tive entendimento, o povoado já era grande. Nesse tempo tinha até mais gente, porque muitos foram embora. Minha avó mesmo não era daqui, veio para cá porque não tinha mais vizinhos...” (Antonio Representante do povoado, 2025).

A organização espacial do povoado mostra um modo de vida marcado pela proximidade e pela convivência cotidiana entre as famílias, que se distribuem ao longo das margens da estrada em suas pequenas propriedades. Cada família mantém sua relação com o território, não apenas na produção agrícola e extrativista, mas também na construção de vínculos afetivos, culturais e simbólicos associados ao lugar onde vivem. O povoado possui características próprias de comunidades rurais maranhenses nas quais o território não é apenas um espaço físico, mas também o local de socialização, confraternização, memória e permanência. As relações com a comunidade se estruturam por meio da solidariedade e ajuda mútua, algo marcante que contribuiu para as famílias e sua sobrevivência em períodos de maior dependência do babaçu.

Santa Maria apresenta melhorias significativas obtidas ao longo de vinte anos após atuação da associação que desempenha um papel fundamental na articulação de projetos e na conquista de infraestruturas para os moradores. Assim como relata um dos moradores.

“Hoje a gente já tem energia, água encanada... tudo através da associação. Antes era só poço água amarela” (Morador 1, 2025).

Essas conquistas representam uma mudança significativa que ampliam o acesso a condições básicas de subsistência, trazendo melhorias significativas e favorecendo transformações no cotidiano das famílias.

Do ponto de vista econômico, o povoado mantém uma base produtiva centrada na agricultura familiar com cultivo do milho, arroz, mandioca e produção de farinha. A presença do extrativismo do babaçu já foi a principal atividade das mulheres, hoje ela está sendo reduzida devido aos avanços das fazendas, a derrubada de palmeiras e a restrição com pouco acesso aos babaçuais. As entrevistas revelam que atualmente grande parte das famílias dependem de programas sociais, aposentadorias e da produção agrícola local para sobreviver, embora nas últimas décadas o extrativismo tenha perdido força, a atividade permanece como um elemento simbólico importante na memória social e da identidade territorial da comunidade. Muitas mulheres, sobretudo as mais velhas ainda permanecem no ofício, mas com objetivos diferentes. Elas ainda guardam lembranças de como era o período em que o coco era abundante e consistia na sua principal fonte de renda, representando assim a economia local e o reconhecimento dentro da comunidade.

As práticas culturais desempenham um papel central na vida dos moradores, com as festividades da comunidade, rezas e encontros tradicionais que reforçam a identidade coletiva e mantém uma tradição transmitida de gerações de acordo com o representante:

“Todo ano tem reza do Lavrador... quem quiser levar um lanche e faz a distribuição. Isso junta a comunidade” (Antonio Representante do povoado, 2025).

Essas manifestações revelam que o território continua sendo vivido como um espaço de pertencimento, memória e afetividade, evidenciando que essas manifestações culturais fortalecem o vínculo dos moradores com o lugar, desempenhando papel importante na permanência das famílias no território, mesmo diante das dificuldades econômicas e ambientais. Desta forma, compreender o povoado Santa Maria implica reconhecer na sua dinâmica territorial sua forma de organização comunitária, os processos históricos que moldaram o seu desenvolvimento e as relações culturais e afetivas na construção da sua identidade coletiva.

5.2 A presença das quebradeiras no Maranhão: Contexto histórico e geográfico

O Maranhão é um dos estados que se destaca como principal produtor de amêndoas de coco babaçu no Brasil, com 54.330 toneladas, totalizando 93% da produção de amêndoas, conforme dados do Censo Agropecuário (IBGE, 2017). A presença das quebradeiras de coco nessa região está associada a uma formação histórica do uso coletivo de babaçuais por grupos desde o período colonial que visam a sua subsistência e identidade cultural.

O processo histórico dos babaçuais no estado do Maranhão está marcado pela intensificação de conflitos fundiários. Como aponta Rêgo e Andrade (2006, p.49) “Políticas territoriais voltadas ao avanço da pecuária favorecem a grilagem de extensas áreas tradicionalmente utilizadas pelas famílias camponesas, reduzindo drasticamente o acesso aos babaçuais”.

Essa dinâmica agravou a disputa pelo território, violência no campo e a expulsão das comunidades afetando diretamente o cotidiano das quebradeiras de coco. Assim sendo, a presença das mulheres no território maranhense precisa ser compreendida através das suas disputas históricas por terra e pelos recursos naturais.

Schwartz (2017) destaca que o trabalho das quebradeiras de coco babaçu é uma atividade considerada tradicional na região dos estados do Maranhão, Piauí, Tocantins e Pará, onde proliferam as florestas nativas de coco babaçu, cujo fruto é a principal fonte de renda das famílias de menor poder aquisitivo, residentes na zona rural desses estados, de onde extraem diversos subprodutos como amêndoas para óleo e sabão, casca para o carvão, folhas para o artesanato que geram fontes de renda complementares para várias famílias da zona rural.

Segundo Carvalho e Macedo (2019, p. 408), “A coleta e uso do coco babaçu estão entre as práticas mais antigas do estado do Piauí e Maranhão servindo tanto a alimentação quanto a produção de remédios caseiros materiais de limpeza e artesanato”. Assim, o extrativismo do coco babaçu ultrapassa a mera geração de renda e constitui como um elemento estruturante da cultura e da reprodução social dessas mulheres.

Nessa mesma discussão, Barroso, Freitas e Figueiredo (2021, p 117) destacam que:

As quebradeiras de coco são trabalhadoras rurais que vivem do extrativismo e possuem uma identidade tradicional que está enraizada nas práticas extrativistas e nas relações comunitária. Sua trajetória histórica está na busca de autonomia e pela melhoria de vida, diante da desigualdade e ausências políticas.

As mulheres quebradeiras de coco-babaçu do Cerrado maranhense provocam a repensar ideias convencionais de território, já que coletam e manejam paisagens repletas de babaçuais, mesmo que estas estejam além das terras sobre as quais têm posse direta. Essa atividade exerce grande influência na vida dessas mulheres, pois promove a geração de renda e melhoria na qualidade de vida.

Pode-se perceber que a presença das quebradeiras de coco babaçu no Maranhão é fruto de um processo histórico que envolve a sua permanência no campo as suas práticas tradicionais do seu trabalho e conflitos territoriais existentes. A sua atividade assegura a sobrevivência e a continuidade social das famílias, como também, esse extrativismo expõe as desigualdades nos conflitos de Terra e as expressões do agronegócio que caracterizam a história dos babaçuais na região. Portanto, para compreender as quebradeiras no espaço rural maranhense é essencial primeiro reconhecer o seu trabalho e como está intimamente ligado à cultura, ao território e à luta pela preservação de seus conhecimentos. Tendo a origem da sua territorialidade marcada por relações de pertencimento identidade e resistência.

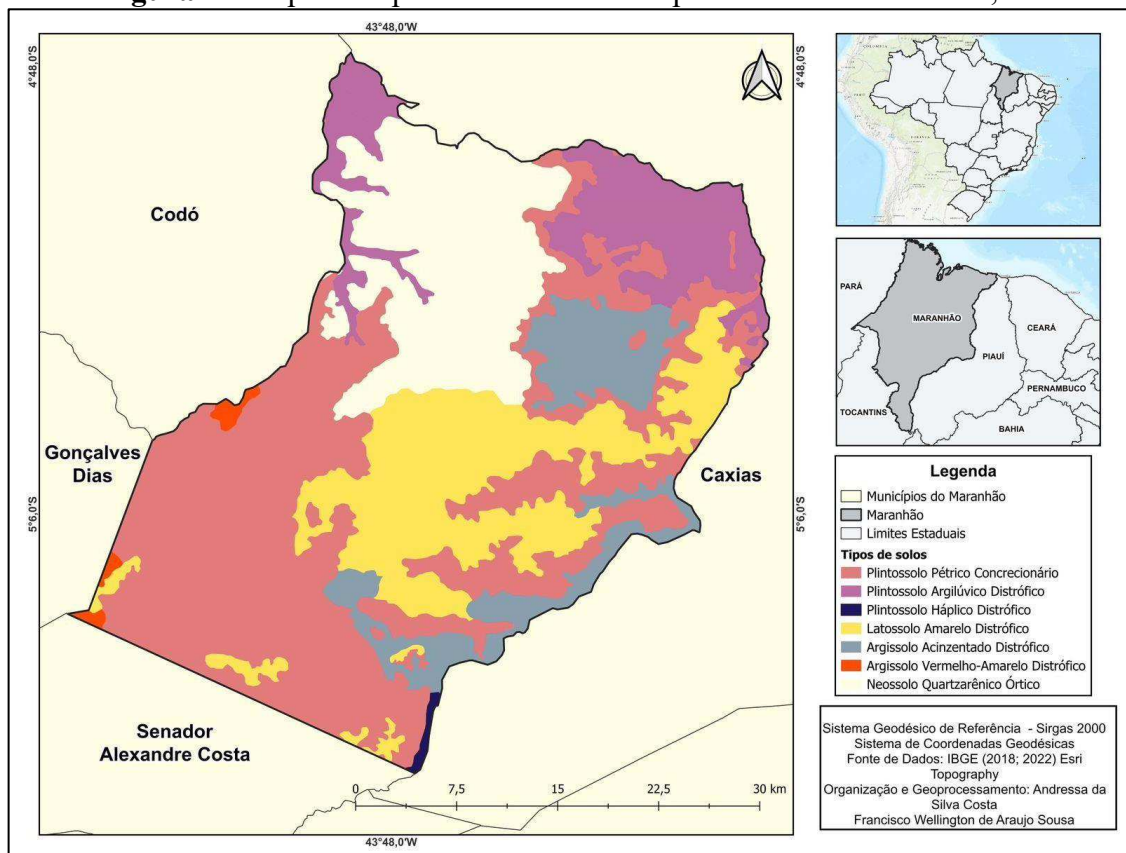
5.3 Transformações no território e acesso aos babaçuais

O território do povoado Santa Maria passou por profundas mudanças ao longo das últimas décadas, especialmente no que se refere ao acesso dos babaçuais, ao uso e a organização da produção das famílias. Esses processos marcaram diretamente a sobrevivência das quebradeiras de coco e alteraram a estrutura associada à comunidade, e as entrevistas evidenciam que no passado o território era amplamente utilizado de maneira coletiva com a abundância de palmeiras e liberdade de circulação pelas áreas de coleta.

As transformações territoriais do povoado Santa Maria não podem ser entendidas sem considerar os aspectos ambientais, mas também relacionando a expansão e pressão exercida pelo agronegócio e pela abertura de novas áreas de pastagem, pois as falas das quebradeiras e do representante da comunidade apontam que as áreas antes dominadas por babaçuais foram substituídas pelo cultivo agrícola extensivo, pela pecuária e pela derrubada de palmeiras. Para compreender tais mudanças foram analisadas mapas das características biofísicas que ajudam a contextualizar o território e suas condições históricas de uso.

O mapa de solos (Figura 2) revela a predominância de latossolos amarelos e argissolos, solos típicos de área com vegetação de babaçuais. Esses solos apresentam características que favorecem o desenvolvimento das palmeiras, permitindo que o território se consolidasse como área extrativista. No entanto, são também solos muito utilizados para a expansão da pecuária e abertura de roçados, o que explica parte da pressão sobre os babaçuais mencionadas pelas entrevistadas.

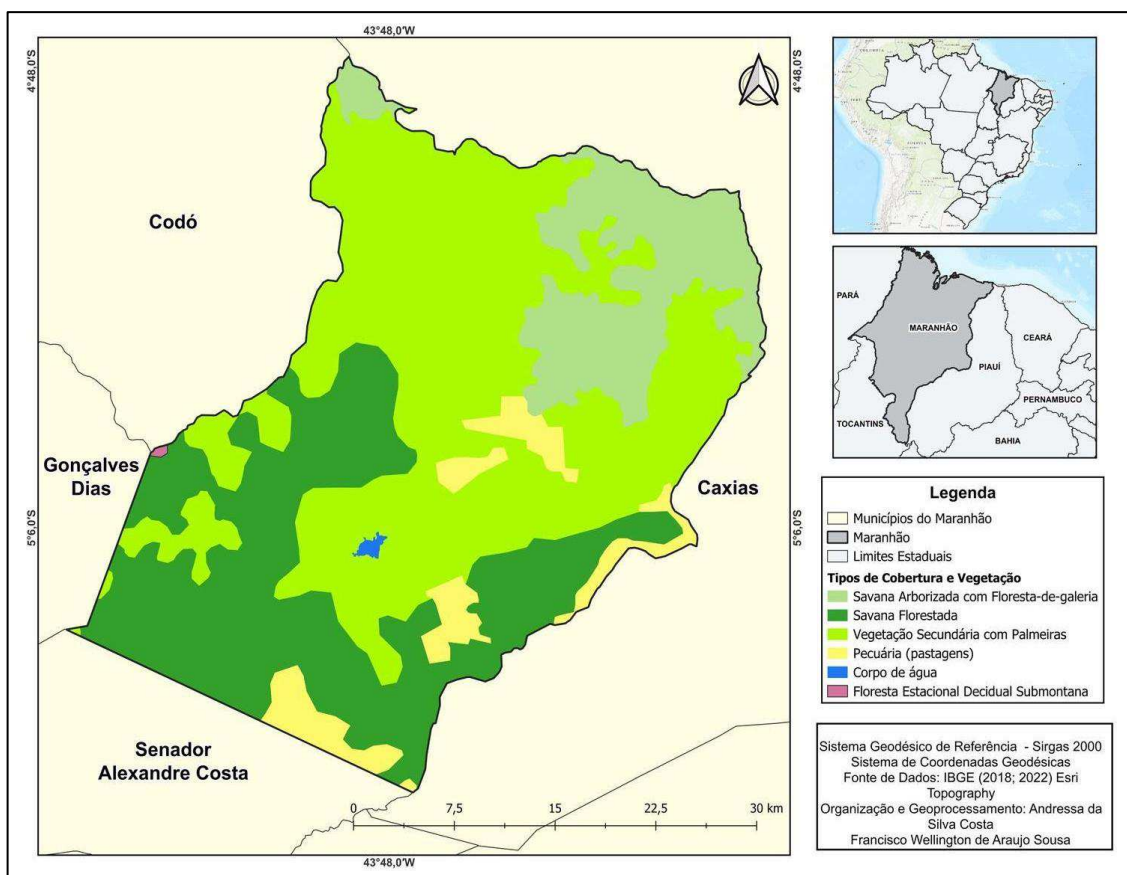
Figura 2 - Mapa de Tipos de solo do município de São João do Sóter, Maranhão



Organização: Costa e Sousa (2025). Base de Dados: IBGE (2018; 2022)

No que se refere aos tipos de vegetação do município de São João do Sóter observados na Figura 3, a vegetação secundária com palmeiras, visível em tons verdes misturados aos tons amarelados, indica áreas historicamente ocupadas por babaçuais (Figura 4). São também identificadas grandes manchas em amarelo que representam áreas de pecuária, confirmando o avanço das fazendas denunciado pelas quebradeiras. A perda de áreas de palmeiras reduz o acesso ao coco e compromete a renda das famílias, afetando diretamente o trabalho das mulheres.

Figura 3 - Mapa de cobertura vegetal do município de São João do Sóter, Maranhão



Organização: Costa e Sousa (2025). Base de Dados: IBGE (2018; 2022)

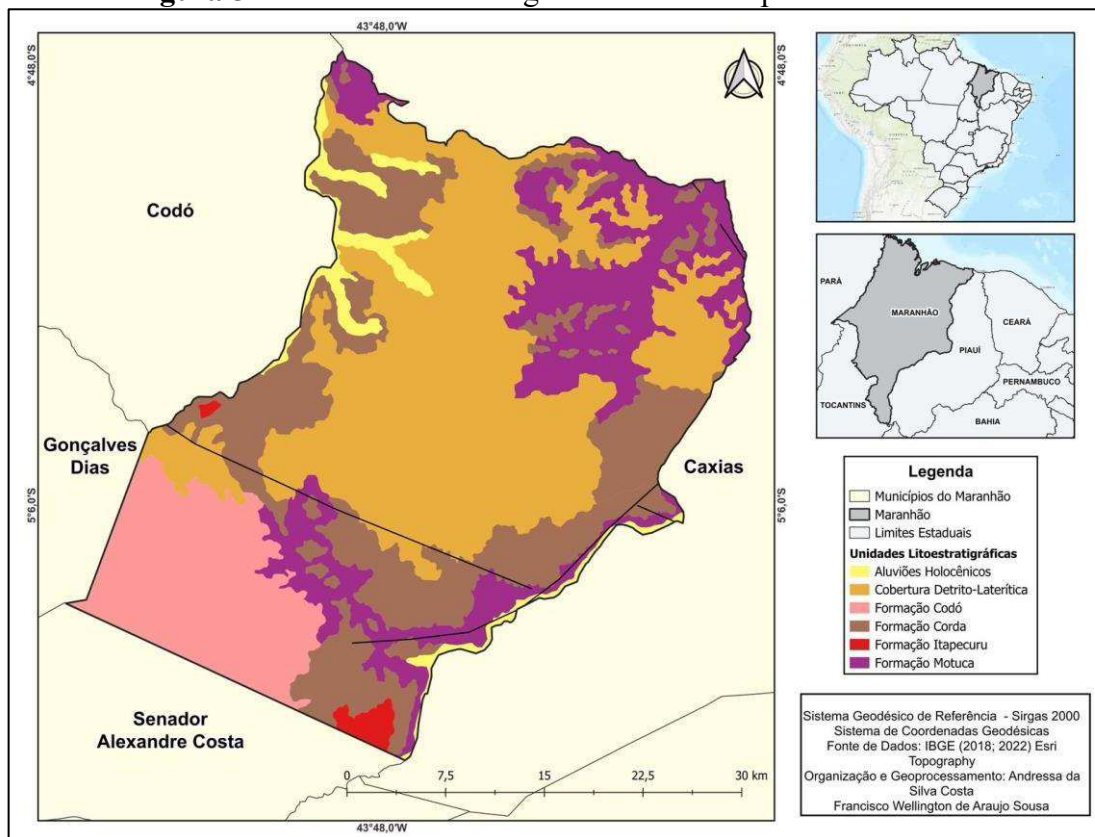
Figura 4 - Babaçuais com vegetação rasteira em São João do Sóter



Fonte: Costa (2024)

As unidades litoestratigráficas mostram a constituição geológica do território, que influencia a formação do relevo e conseqüentemente o tipo de vegetação. Assim, conforme o mapa da figura 5, observa-se que na área do Povoado predominam as coberturas detrito laterítica, que tem sua origem na Era Cenozoica. Apresenta em sua constituição, zonas de argilas caulinitica, concreções e capeamento de Latossolos (Brasil, 2006), conforme se observa na figura 6.

Figura 5 - Unidades litoestratigráficas do município de São João do Sóter



Organização: Costa e Sousa (2025). Base de Dados: IBGE (2018; 2022)

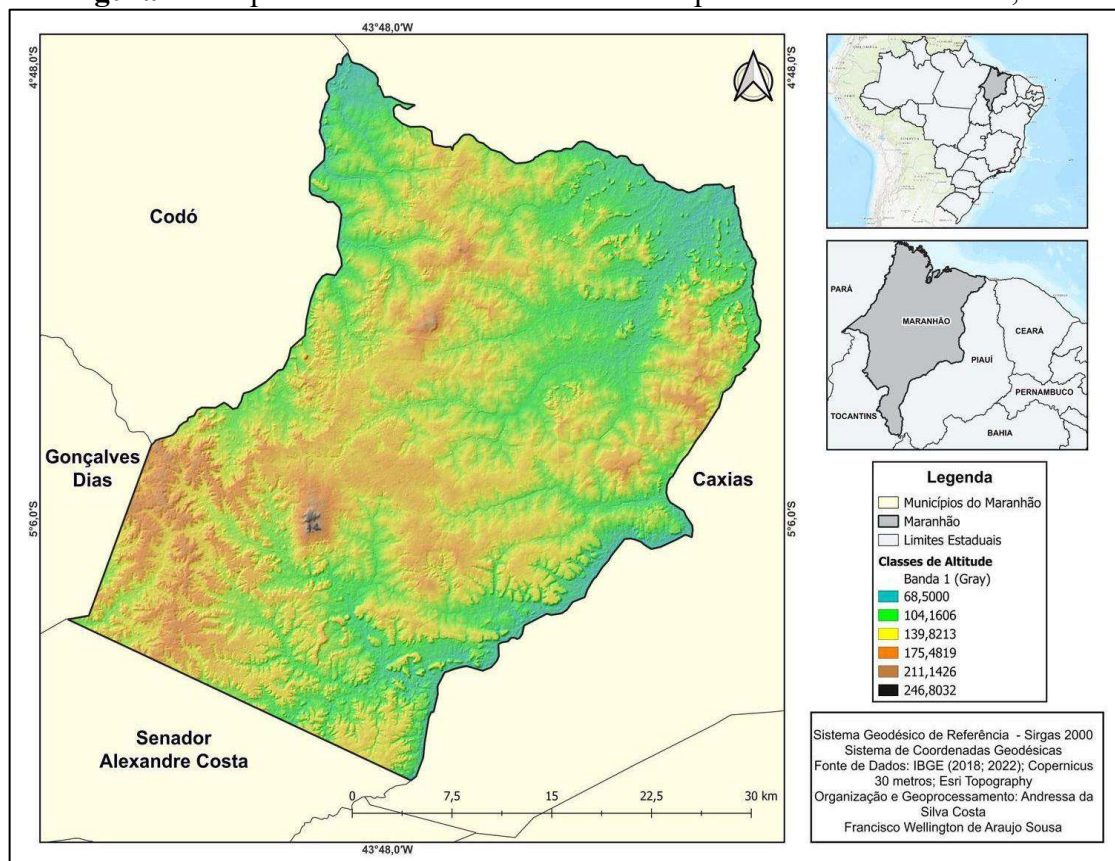
Figura 6 - Coberturas Detrito laterítica no povoado Santa Maria, em São João do Sóter



Fonte: Costa (2024)

O terreno apresenta variações leves de altitude entre 68 a 246 metros, compondo um relevo suave ondulado (Figura 7 e 8). Essa característica favorecia o deslocamento a pé das quebradeiras até os babaçuais, como também tem favorecido a expansão da pecuária que se instalou em áreas planas.

Figura 7 - Mapa de classes de altitude do município de São João do Sóter, Maranhão



Organização: Costa e Sousa (2025). Base de Dados: IBGE (2018); Copernicus 30 metros

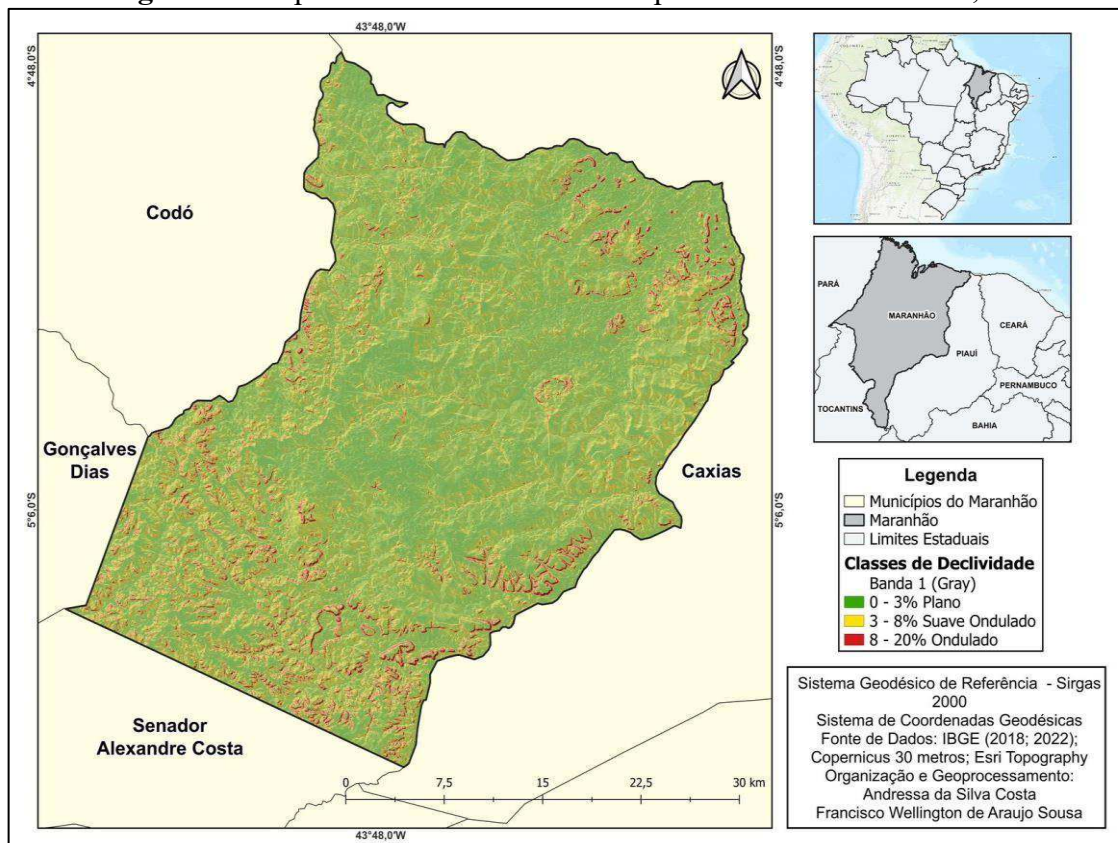
Figura 8 - Relevo plano e suave ondulado próximo ao povoado Santa Maria, em São João do Sóter



Fonte: Costa (2024)

A maior parte do território apresenta declividade entre 0% e 8%, considerada plana a suavemente ondulada (Figura 9). Isso explica por que a coleta e a quebra do coco eram atividades realizadas com facilidade pelas mulheres, que se deslocavam longas distâncias. Com o desmatamento e substituição por pastagens, áreas antes acessíveis passaram a ser cercadas, o que dificultou o acesso aos babaçuais.

Figura 9 - Mapa de declividade do município de São João do Sóter, Maranhão



Organização: Costa e Sousa (2025). Base de Dados: IBGE (2018); Copernicus 30 metros

Pontos pautados nas entrevistas são importantes para uma análise mais aprofundada da modificação do território do povoado Santa Maria, como é mostrada na figura 10.

“Nesse tempo tinha muito coco, o povo quebrava, vendia, sustentava as famílias. Hoje não tem mais como antes, porque derrubaram muita palmeira para plantar” (Quebradeira de coco 1, 2025).

O representante do povoado afirma o relato de como o território está sendo ocupado:

“A gente vê muito a venda de terreno para o pessoal de fora, para a plantar. E para eles plantar, eles têm que derrubar. A palmeira que tinha antes já não existe mais”. (Representante 2025).

Figura 10 - Fotografias em mosaico que detalham área do território do Povoado Santa Maria onde antes havia maior concentração de babaçuais.



Fonte: Costa (2025)

Conforme observado nas imagens registradas durante o trabalho de campo, o território apresenta áreas de diminuição evidente de palmeiras de babaçu, o que confirma os relatos das entrevistadas sobre a redução do acesso aos babaçuais. Essa transformação territorial impactou diretamente os extrativismos do babaçu, diminuindo a possibilidade de matéria prima e dificultando a continuidade do ofício sobretudo as mulheres mais velhas que dependiam dessa atividade para complementar a renda familiar os relatos das quebradeiras também destacam esse processo.

“Era um monte de coco, a gente vivia disso hoje não tem mais ficou difícil” (Quebradeira 2, 2025).

O relato da quebradeira de que antes havia muito coco pode ser visualizado nas imagens de satélite do *Google Earth* (Figura 11), onde demonstra a paisagem no povoado e em torno no ano de 2004 e como ficou já em 2024, com o desmatamento das extensas áreas de babaçuais.

Figura 11 - Imagens em mosaico que detalham a dinâmica temporal da paisagem do povoado Santa Maria, em São João do Sóter em 2004 e 2024



Fonte: *Google Earth* (2004; 2024). Organizado por Costa (2025)

Para muitos, o território funcionou como um espaço comunitário livre, no qual as relações de vizinhança, parentesco e solidariedade permitiam que todas as famílias tivessem acesso aos babaçuais. Não havia conflitos fundiários locais relacionados à proibição da coleta, conforme relataram os entrevistados, mas a perda do território ocorreu silenciosamente por meio de avanço das grandes propriedades e das transformações de uso da terra. Ao mesmo tempo que os moradores destacam que houve o crescimento da comunidade e a introdução de políticas públicas na associação, outras formas de organização social emergiram, como a chegada da energia trifásica, da água encanada e de pequenos projetos comunitários que modificaram a relação das famílias com o território, ampliando a possibilidade de trabalho e reorganização da dinâmica produtiva.

Contudo, apesar das melhorias estruturais, o extrativismo do babaçu deixou de ser a principal atividade econômica da comunidade o que alterou significativamente o vínculo das mulheres com o território, para muitas delas o babaçu representava não apenas o sustento, mas também a identidade, autonomia e o reconhecimento social. O Quadro 1 descreve algumas mudanças.

Quadro 1 - Comparativo das condições de trabalho das mulheres antes e depois das transformações do povoado.

ASPECTO	ANTES	HOJE
Quantidade de palmeiras	Abundante	Muito reduzida
Acesso aos babaçuais	Livre	Restrito ou inexistente
Organização do trabalho	Coleta coletiva	Pouca ou nenhuma coleta
Uso da terra	Predomínio comunitário	Fazendas, venda de lotes

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

A análise dos dados do Quadro 1 evidencia um processo de transformação territorial que interferiu diretamente no modo de vida das famílias do povoado. Portanto, a redução dos babaçuais, antes abundante e de livre acesso, representou a perda de um dos principais elementos da subsistência das mulheres, que dependiam da coleta e da quebra de coco para garantir parte da renda familiar.

Conforme Barroso, Freitas e Figueiredo (2021, p. 117), “as quebradeiras de coco constroem sua autonomia a partir da combinação entre trabalho, solidariedade e identidade coletiva”.

A mudança no uso da terra marcada pela expansão das fazendas e pela venda de lotes a produtores externos, também resultou na diminuição das áreas comunitárias antes utilizadas coletivamente. Esse conjunto de alterações confirma os relatos das entrevistadas e demonstra como fatores externos do povoado influenciaram a descontinuidade do extrativismo e a reorganização do trabalho no território.

5.4 Mudanças no modo de trabalho e no papel das mulheres

As transformações ocorridas no povoado Santa Maria nas últimas décadas têm afetado diretamente na organização do trabalho das mulheres e na forma como o ofício da quebra do coco babaçu passou a ser exercido. As entrevistas revelam que antes o trabalho extrativista era central na renda familiar, juntamente com as atividades domésticas e assim fortalecendo as relações de solidariedade entre as mulheres. Fatores contribuíram para a redução dos babaçuais, a pressão do agronegócio e as mudanças socioeconômicas da comunidade produziram alterações no papel e no desempenho das quebradeiras.

Essa articulação está alinhada com Barroso, Freitas e Figueiredo (2021, p. 117), ao afirmarem que “A atuação das quebradeiras é marcada por múltiplas funções que se articulam entre o trabalho produtivo e reprodutivo, revelando a sobrecarga e a centralidade da mulher no sustento das famílias rurais”.

No povoado essa múltipla jornada ainda é evidente nas falas das entrevistadas, que demonstram como a rotina das mulheres envolve simultaneamente a coleta, quebra, a preparação das amêndoas e todas as responsabilidades do lar. Uma das entrevistadas relata:

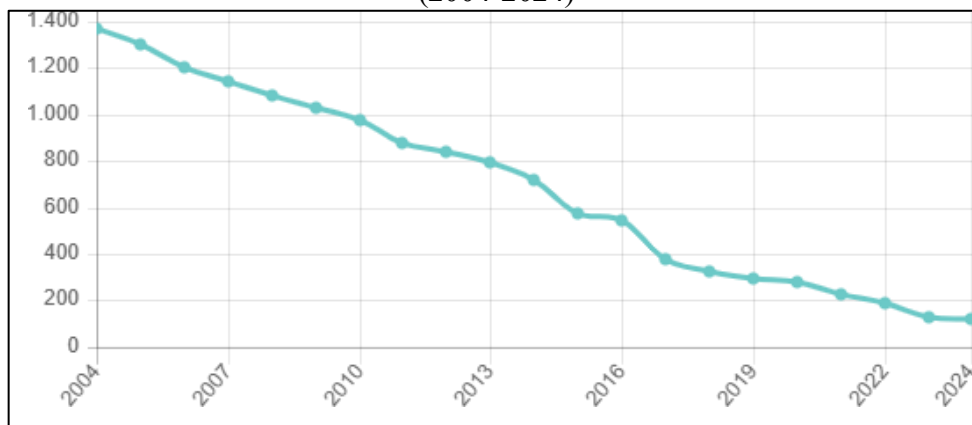
“Antes a gente vivia do coco. Era ele que sustentava tudo, hoje quase ninguém mais quebra como antes, mas a gente nunca deixou de trabalhar dentro de casa”. (Quebradeira de coco 2, 2025).

A diminuição da prática extrativista em várias regiões do Maranhão está associada a uma reconfiguração da autonomia econômica das mulheres provocada pela perda de acesso aos territórios tradicionais e pela intensificação do trabalho doméstico, este cenário se repete no povoado Santa Maria, onde as entrevistas revelam uma transição no modo de vida das famílias com redução da renda proveniente do babaçu e maior dependência de programas sociais e aposentadorias.

Para compreender de forma mais objetiva os impactos dessas transformações no trabalho das quebradeiras de coco, apresenta-se a seguir dados oficiais do Instituto Brasileiro

de Geografia e Estatística (IBGE), referentes a quantidade produzida e o valor da produção da amêndoa de babaçu no município de São João do Sotér ao longo dos últimos anos.

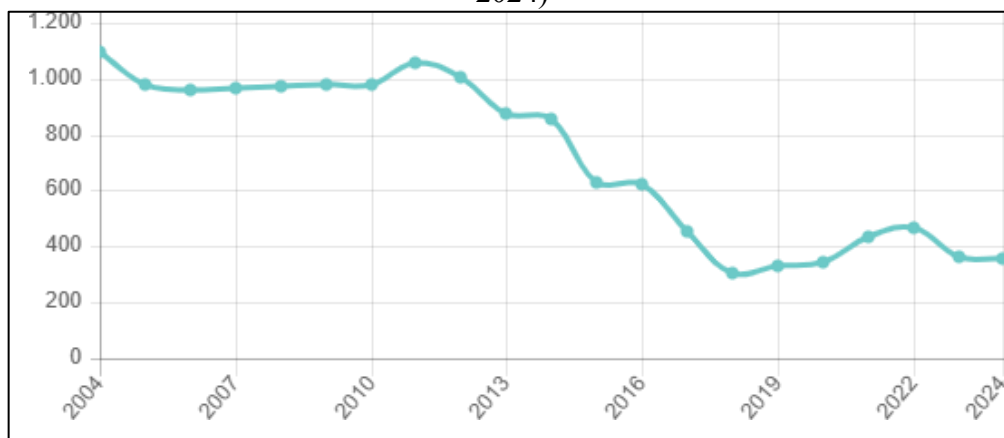
Gráfico 1 - Quantidade produzida de amêndoa de babaçu em São João do Sotér (2004-2024)



Fonte: Produção da extração vegetal - IBGE (2024).

Observa-se, a partir dos dados apresentados, uma redução contínua da quantidade produzida de amêndoas de babaçu ao longo do período analisado. Essa diminuição reflete diretamente as dificuldades enfrentadas pelas quebradeiras como a redução dos babaçuais, a restrição de acesso aos territórios tradicionais e a diminuição da prática extrativista como principal fonte de renda das famílias.

Gráfico 2 - Valor de produção da amêndoa de babaçu em São João do Sotér (2004-2024)



Fonte: Produção da extração vegetal - IBGE (2024).

Quando analisado o valor da produção, percebe-se que a queda na quantidade extraída também impactou diretamente a renda gerada pelo babaçu no município. Embora haja pequenas variações ao longo dos anos, o valor total da produção demonstra tendência de redução, o que

evidencia a perda da importância econômica do babaçu para as famílias do povoado Santa Maria, especialmente para as mulheres que historicamente dependiam desta atividade.

Esses dados dialogam diretamente com os relatos das entrevistas que destacam a diminuição do trabalho com o babaçu e a necessidade de buscar outras formas de sustento. Assim, as transformações no modo de trabalho das quebradeiras de coco não se restringem apenas a mudança econômica, mas envolve também a alteração profunda no papel social das mulheres, conforme é destacado no quadro 2.

Quadro 2 - Comparativo das atividades das mulheres antes e depois das mudanças no povoado Santa Maria.

Aspectos Analisados	Antes	Depois (2004-2025)
Frequência da quebra do coco	Diária	Eventual em pequena escala
Quantidade de babaçu disponível	Abundante	Reduzida devido o desmatamento
Principal fonte de renda das mulheres	Extrativismo do coco	Programas sociais e empregos informais
Trabalho doméstico	Alto, mas compartilhado com o extrativismo	Intensificado e muitas vezes exclusiva ocupação
Cooperação entre mulheres	Forte (dias de quebra coletiva)	Enfraquecida pela diminuição do ofício
Autonomia financeira feminina	Mais presente	Reduzida
Relação com o território	Vivência cotidiana no babaçal	Menor presença devido à redução das palmeiras

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Os dados do Quadro 2 demonstram uma mudança no cotidiano das mulheres do povoado, antes o babaçu era a maior estrutura da economia e a identidade coletiva das quebradeiras. Com a diminuição das palmeiras ocorreu a alteração do perfil econômico da comunidade, o trabalho extrativista deixou de ser a centralização da atividade feminina, o que impactou diretamente na economia financeiras das quebradeiras.

Essa mudança como afirmam Brito, Barros e Lima (2015, p. 91), “ênfatisa a pressão sobre os territórios tradicionais, fragiliza o modo de vida das quebradeiras, altera a sua organização familiar e comunitária”. A perda do ofício (Figura 12) como prática diária teve uma alteração através dos saberes uma vez que a transmissão do conhecimento entre gerações passou a ocorrer de forma mais restrita uma das entrevistadas aponta:

“As meninas de hoje não sabem mais quebrar só as mais velhas aprenderam” (Quebradeira de coco 3, 2025).

Podemos observar que a falta de interesse das gerações mais jovens se relaciona tanto na mudança da economia quanto a perda do acesso aos babaçuais, então vai ocorrer essa modificação dos saberes e do aprendizado a partir dessas alterações que ocorrem dentro do espaço dessas quebradeiras de coco, alterando significativamente o seu modo de vida e no seu ofício dentro do povoado.

Figura 12 - Quebradeira de coco babaçu em atividade tradicional de quebra no povoado Santa Maria



Fonte: Costa (2025).

A figura 12 ilustra o modo tradicional do trabalho das quebradeiras de coco babaçu, o que revela a intensidade física da atividade e a técnica que é transmitida entre gerações. A cena representa uma prática cotidiana que estruturou a vida de muitas famílias no povoado Santa Maria e conforme as entrevistas era exercida majoritariamente por mulheres que conciliavam a quebra do coco com as tarefas domésticas e o cuidado com os filhos essa realidade. Assim, a imagem reforça a importância cultural, econômica e identitária do ofício na história das mulheres do território, e ao mesmo tempo evidencia a perda progressiva dessa prática diante das mudanças econômicas dentro do povoado.

O casarão ilustrado na figura 13 representa um marco histórico das relações do trabalho no povoado, funcionado durante décadas como ponto central de compra e venda do coco

babaçu. As entrevistadas indicam que esse espaço era fundamental para a organização das atividades extrativistas, pois reuniam mulheres de diferentes famílias, fortalecendo vínculos comunitários e garantindo uma renda mínima de trabalho. Segundo o representante da comunidade, no local tinha uns 3 pontos de compra, em que todo mundo vendia o coco nesses lugares, o que demonstra a relevância econômica social desses espaços para a vida cotidiana.

Figura 13 - Antigo casarão utilizado como ponto de compra e venda do coco babaçu no povoado Santa Maria.



Fonte: Costa (2025).

Com o passar dos anos, o uso desse casarão foi diminuindo em função das transformações socioeconômicas do povoado e do território, com a redução dos babaçuais a menor dependência do estatismo e mudança nas fontes de renda das famílias, assim o casarão permanece hoje como a memória física de um período em que o trabalho feminino estruturava a economia local e o cotidiano das famílias, assim reforçando a identidade e a territorialidade das quebradeiras de coco.

Dessa forma percebe-se que as transformações ocorridas no território do povoado de Santa Maria alteraram profundamente o papel das mulheres e a dinâmica do trabalho extrativista. Antes o babaçu constituía a base econômica cultural e identitária da comunidade, hoje a sua prática representa um enfraquecimento na restrição e é marcada pela perda do acesso dos babaçuais pela sobrecarga doméstica e pela diminuição das oportunidades de geração de renda. As entrevistas realizadas evidenciam que apesar das mudanças permanece viva a

memória do ofício como um sentimento de pertencimento territorial e ainda vincula as mulheres e suas famílias a história do trabalho com o coco babaçu. Esses resultados revelam uma complexidade dos desafios enfrentados pelas quebradeiras que apontam a necessidade de políticas públicas que preservem seus saberes e a autonomia de sua permanência no território.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos nesta pesquisa demonstram que o estudo do povoado Santa Maria contribui de forma inédita para a compreensão das transformações recentes no modo de vida das quebradeiras de coco babaçu. Ao articular dados empíricos, relatos orais e análise territorial, o trabalho evidencia que, embora o babaçu continue sendo um elemento simbólico identitário fundamental, seu papel econômico vem sendo progressivamente redefinido. Essa constatação amplia os estudos clássicos sobre as quebradeiras ao evidenciar como processo macro estruturais, como o avanço da cru negócio e a reconfiguração das políticas públicas, impactam de maneira concreta os territórios locais.

A presente pesquisa possibilitou uma análise aprofundada sobre os desafios enfrentados pelas mulheres quebradeiras de coco babaçu no povoado Santa Maria, município de São João do Sóter, Maranhão, evidenciando que o extrativismo do babaçu vai além de uma atividade econômica, constituindo-se como elemento estruturante do território, da identidade cultural e da organização social dessas mulheres. Nesse sentido, o objetivo geral da pesquisa foi alcançado, uma vez que foi possível compreender os principais desafios, as formas de resistência e o papel socioeconômico das quebradeiras no contexto local. Os objetivos específicos também foram atendidos, ao permitir analisar a atuação das mulheres no extrativismo, os impactos do avanço do agronegócio sobre os babaçuais e as conquistas sociais e territoriais alcançadas ao longo do período estudado.

Além disso, a realização desta pesquisa teve uma importância pessoal e acadêmica significativa, pois possibilitou um contato direto com a realidade das quebradeiras e com o território onde vivem, fortalecendo o compromisso com uma Geografia voltada para as populações tradicionais e suas lutas. O trabalho de campo, as entrevistas e o diálogo com a comunidade contribuíram para ampliar a compreensão crítica sobre as desigualdades socioespaciais e sobre o papel fundamental das mulheres na construção e na defesa de seus territórios. A partir dos dados coletados em campo e da análise dos depoimentos das quebradeiras, moradores e do representante comunitário, constatou-se que as transformações territoriais ocorridas nas últimas décadas impactaram diretamente a continuidade do extrativismo. A expansão do agronegócio, o desmatamento dos babaçuais e a privatização das terras limitaram o acesso das mulheres às áreas tradicionalmente utilizadas para a coleta do coco, comprometendo a autonomia econômica e intensificando a vulnerabilidade social das famílias. Esses processos reforçam a compreensão do território como espaço de relações de

poder, conforme discutido no referencial teórico, onde interesses econômicos externos se sobrepõem aos modos de vida tradicionais.

Os resultados também evidenciaram que, mesmo diante da diminuição da renda proveniente do babaçu, as mulheres seguem acumulando múltiplas funções, articulando o trabalho produtivo e reprodutivo, o cuidado com a família e a manutenção das práticas culturais. Tal realidade confirma o protagonismo feminino no meio rural e evidencia uma sobrecarga de trabalho que, embora naturalizada ao longo do tempo, permanece invisibilizada pelas políticas públicas e pelas estatísticas oficiais.

Outro aspecto relevante identificado foi a importância das associações comunitárias para a melhoria das condições de vida no povoado Santa Maria. A organização coletiva possibilitou conquistas significativas, como o acesso à energia elétrica, à água encanada e a projetos produtivos, demonstrando que a mobilização social é uma estratégia fundamental de resistência e permanência no território. Essas experiências reforçam o papel da coletividade na construção de alternativas frente às desigualdades socioeconômicas e territoriais.

A análise dos dados secundários, especialmente aqueles provenientes do IBGE, corroborou os relatos das entrevistadas ao indicar a redução da produção e do valor econômico da amêndoa de babaçu no município. Esse cenário evidencia a fragilização do extrativismo como fonte principal de renda e aponta para uma crescente dependência de programas sociais e aposentadorias, o que reforça a necessidade de políticas públicas específicas voltadas à valorização do babaçu e à proteção dos babaçuais.

Dessa forma, conclui-se que a permanência das quebradeiras de coco babaçu em seus territórios está diretamente relacionada ao reconhecimento de seus direitos históricos, ao acesso livre aos babaçuais e à implementação de políticas que fortaleçam o extrativismo sustentável. Valorizar o trabalho dessas mulheres significa reconhecer sua contribuição para a conservação ambiental, para a economia local e para a manutenção de saberes tradicionais transmitidos entre gerações.

Por fim, este estudo contribui para o debate acadêmico e social ao evidenciar que os desafios enfrentados pelas quebradeiras de coco babaçu não são apenas individuais ou comunitários, mas estruturais, estando ligados às dinâmicas de poder, à desigualdade no acesso à terra e à ausência de políticas públicas efetivas. Espera-se que esta pesquisa possa subsidiar novas investigações e ações que promovam a justiça social, o fortalecimento da identidade cultural e o desenvolvimento sustentável das comunidades extrativistas do Maranhão.

REFERÊNCIAS

ACTIONAID. **As quebradeiras de coco babaçu: trabalho, território e resistência.** São Luís: ActionAid Brasil, 2015. 64 p. 3-31.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Terras de quebradeiras de coco babaçu: usos e costumes.** São Luís: EDUFMA, 2004.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 2016.

BRASIL. Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 8 fev. 2007. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/Decreto/D6040.htm. Acesso em: 31 out. 2025.

BARROSO, Betânia Oliveira; FREITAS, Jullyana Cristhina Almeida de; FIGUEIREDO, Lilian Rolim. Quebradeiras de coco babaçu do estado do Maranhão: repertórios de luta e resistência. **Revista Debates Insubmissos**, Caruaru, v. 4, n. 12, p. 116-135, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/debatesinsubmissos/article/view/249833>. Acesso em: 27 set. 2025.

BARTABURU, Xavier. **Quebradeiras de coco babaçu.** Reporter Brasil, 2018. Disponível em: <https://reporterbrasil.org.br/comunidadestradicionais/quebradeiras-de-coco-babacu/>. Acesso em 31 out. 2025

BRITO, C. M.; BARROS, F. S.; LIMA, M. do S. **Onde tem palmeira tem resistência: saberes e identidades das quebradeiras de coco babaçu.** Teresina: EDUFPI, 2018.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação.** Porto: Porto Editora, 1994.

FORMIGA, M. C.; SOUSA, A. P.; LIMA, J. R.; SILVA, M. H. Beneficiamento do babaçu e organização produtiva: geração de renda e autonomia para mulheres extrativistas. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 57, n. 4, p. 623–640, 2019.

FUINI, Lucas Labigalini. Território e territorialização na leitura geográfica de Milton Santos. **Brazilian Geographical Journal: Geosciences and Humanities Research Medium**, Ituiutaba, v. 6, n. 1, p. 253–271, jan./jun. 2015.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUSMÃO, Luiz Antônio; PORRO, Roberto. **Boas práticas de manejo nos babaçuais.** Brasília, DF: Central do Cerrado, 2022.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade.** 6. ed. rev. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 395. 2004.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2012.

NETO, Joaquim Shiraishi. Quebradeiras de coco: “babaçu livre” e reservas extrativistas. **Veredas do Direito**, v. 14, n. 28, p. 147-166, 2017.

NOGUEIRA, Eliane de Souza. **Mulheres quebradeiras de coco babaçu: território, identidade e resistência**. São Luís: EDUFMA, 2017.

OLIVEIRA, Valdiane da Cruz. **Extrativismo do Babaçu: trabalho, renda e inclusão social para as mulheres quebradeiras de coco babaçu**, em Codó-MA. 2019. Monografia (Graduação em História). Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2019.

PINTO, Rosyjane Paula Farias; MACHADO, Neli Teresinha Galarce; KREUTZ, Marcos Rogério. Movimento social e espaços de aprendizagens no Brasil: o caso das quebradeiras de coco de Imperatriz no Maranhão. **Revista Ensino & Educação**, Londrina, v. 19, n. 3, p. 336–343, 2018. Disponível em: <https://revistaensinoeducacao.pgskroton.com.br/article/download/5236/4369>. Acesso em: 31 out. 2025.

PORRO, Roberto. A economia invisível do babaçu e sua importância para meios de vida em comunidades agroextrativistas. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, v. 14, p. 169-188, 2019.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Edusp, 1996.

SANTOS, S. S.; CARVALHO, R. B. F. de ; SILVA, F. M. S. ; LIMA, S. da S; NUNES, L. C. C. Babaçu: explorando suas características e potencialidades. In: CARVALHO, Rusbene Bruno Fonseca de Carvalho.; SILVA, G. C. S.; SILVA, F. M. S.; NUNES, L. C. C. (Org.). **Biotecnologia e farmacologia: abordagens interdisciplinares na terapêutica com recursos naturais**. 1ed.: Atena Editora, 2023, v. , p. 97-116.

SOUZA, Marcelo Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (org.). **Geografia: conceitos e temas**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 77–116.

SCHWARTZ, Rosana Maria Pires Barbato. Quebradeiras de coco de babaçu: cultura tradicional e a preservação do meio ambiente. **Emblemas**, v. 14, n. 1, 2017.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1987.

VASCONCELOS, Pedro de Almeida. O conceito de território na Geografia. **Revista Geografia e Pesquisa**, v. 20, n. 1, p. 231-257, 2007.

APÊNDICES**QUESTIONÁRIO 1: Quebradeiras de coco babaçu.****IDENTIFICAÇÃO:**

1. **IDADE:** _____
2. **ESTADO CIVIL:** () SOLTEIRA () CASADA () VIÚVA () OUTRO.
3. **NÚMERO DE FILHOS:** _____
4. **HÁ QUANTO TEMPO TRABALHA COM O COCO BABAÇU?**

5. **TRABALHA SOZINHA OU EM GRUPO? () SOZINHA () EM GRUPO**

6. **COMO APRENDEU A QUEBRAR O COCO BABAÇU?**

7. **QUAIS ETAPAS ENVOLVEM O SEU TRABALHO COM O COCO (COLETA, QUEBRA, VENDA, OUTRA TAREFA)?**

8. QUAL A PRINCIPAL DIFICULDADE ENCONTRADA NO DIA A DIA COM O TRABALHO?

9. EXISTE ALGUM APOIO (ASSOCIAÇÃO, SINDICATO, ONG, PREFEITURA etc.) ÀS QUEBRADEIRAS DA REGIÃO?

10. VOCÊ PERCEBEU ALGUMA MUDANÇA NO MODO DE TRABALHO DURANTE OS ULTIMOS ANOS ATÉ OS DIAS ATUAIS? QUAIS?

11. VOCÊ PERCEBE A DIMINUIÇÃO DAS PALMEIRAS DE BABAÇU NA REGIÃO? QUAIS?

12. O AGRONEGOCIO TEM AFETADO (COM O DESMATAMNETO E DERRUBADAS DE BABAÇUAIS NA REGIÃO)?

13. COMO ESSAS MUDANÇAS INFLUENCIAM NO SEU TRABALHO E A VIDA DAS QUEBRADEIRAS?

14. QUAIS CONQUISTAS E MELHORIAS AS QUEBRADEIRAS TIVERAM NOS ULTIMOS ANOS DE (2000-2025)?

15. O QUE VOCÊ ESPERA PARA O FUTURO DA ATIVIDADE EXTRATIVISTA DO COCO BABAÇU?

QUESTIONÁRIO 2: Moradores e Família.**IDENTIFICAÇÃO:**

1. IDADE: _____
2. SEXO: () FEMININO () MASCULINO
3. GRAU DE PARENTESCO COM ALGUMA QUEBRADEIRA (SE HOUVER): _____
4. TEMPO DE MORADIA NA COMUNIDADE: _____ ANOS
5. VOCÊ CONSIDERA O TRABALHO DAS QUEBRADEIRAS IMPORTANTE PARA A COMUNIDADE? () SIM () NÃO
6. DE QUE FORMA ESSE TRABALHO CONTRIBUI PARA A ECONOMIA OU SUSTENTO LOCAL?

7. VOCÊ PERCEBE MUDANÇAS NO NÚMERO DE QUEBRADEIRAS NOS ÚLTIMOS ANOS?

8. QUAIS SÃO, NA SUA OPINIÃO OS MAIORES DESAFIOS ENFRENTADOS POR ELAS HOJE?

9. VOCÊ ACHA QUE O CRESCIMENTO DO AGRONEGÓCIO TEM TRAZIDO IMPACTOS PARA OS BABAÇUAIS? QUAIS?

10. VOCE ACREDITA QUE A NOVA GERAÇÃO (JOVENS) TEM INTERESSE EM CONTINUAR ESSA ATIVIDADE? POR QUÊ?

11. O QUE VOCÊ ACHA QUE PODERIA SER FEITO PARA VALORIZAR MAIS O TRABALHO DAS QUEBRADEIRAS?
